

ESPIRITUALIDADE INDÍGENA PELO CUIDADO DA TERRA E DOS TERRITÓRIOS DE ABYA YALA

ORGANIZADORES:

Koinonia (Brasil) — Memoria Indígena — Renovemos
nuestro Mundo — Iniciativa Interreligiosa por los
Bosques (IRI Perú) — Paz y Esperanza (Perú) — ISEAT
(Bolivia)



actaliança



ESPIRITUALIDADE INDÍGENA **PELO CUIDADO DA TERRA E** **DOS TERRITÓRIOS DE** **ABYA YALA**



2021

Editora:

Beatriz Alves Leandro

Licença KOINONIA:

Licença CC BY-NC-SA 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Fotos:

Capa: pixabay — arcevo — unplush — elements envato

Transcrição do áudio original do espanhol:

Mercedes Semino

Tradução do espanhol original:

Português — Roseli Schrader Giese

Inglês — Samira Lawall

Editoração:

Editora Siano

Revisão:

Raquel Machado

Diretoria KOINONIA**Presidente:**

Bispo Paulo Ayres Mattos

Vice-Presidente:

Laís Almeida de Menezes

Secretária:

Lúcia Veiga

Tesoureiro:

Moisés Coppe

Vogal:

José Adriano Filho

Conselho Fiscal:

Bispo Maurício José Araújo
de Andrade

Ideraldo Beltrame

Eduardo Dutra Machado

Diretor Executivo:

Rafael Soares



Revista KOINONIA, Presença Ecumênica e Serviços
[Recurso eletrônico]

Novembro/2021 – Rio de Janeiro: KOINONIA.

ISBN 978-65-992298-2-4

Anual, 2021.

Revista Presença Ecumênica e Serviços KOINONIA

v. 2021

1. Amazônia 2. Espiritualidade indígena
3. Cuidado da terra 4. Abya Yala. I. Título

CDD 201
306
307

INTRODUÇÃO

Este livro compila os debates do evento “**Espiritualidade Indígena pelo cuidado da Terra e os territórios de ABYA YALA**” realizado em 22 de abril de 2021, o Dia Internacional da Mãe Terra. Neste mesmo dia também foi ratificado o Acordo de Escazú, o primeiro tratado regional da CEPAL (Comissão Econômica das Nações Unidas para América Latina e Caribe) como um potente aliado para a implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

O seminário reuniu teólogas e especialistas em religião e meio ambiente dos territórios de *Abya Yala*. Na língua do povo Kuna, *Abya Yala* significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América ([Enciclopédia Latinoamericana](#)). Paulatinamente, em cúpulas e encontros de povos indígenas, o nome *América* vem sendo substituído por *Abya Yala* para validar a importância e urgência dos saberes, tradições, lutas e cosmologias ancestrais dos povos originários.

O debate foi mediado por **Jorge Arboccó**, Diretor de Paz y Esperanza Peru. A primeira parte traz reflexões sobre a *Igreja e o Meio Ambiente*. A Reverenda Cônegua **Marinez Bassotto** — a primeira bispa eleita da América do Sul — discorre sobre suas ações na Diocese Anglicana da Amazônia para combater a necropolítica do governo Bolsonaro; **Felipe Terán**, politólogo e professor do Instituto Superior Ecuaménico Andino de Teología (ISEAT), da Bolívia, narra a devastação provocada pela demanda global de carne e soja na biodiversidade amazônica; **Judyt Patiño**, missionária de Madre Laura, nos conta sobre a cosmogonia do povo Achuar — habitantes do coração da Alta Amazônia entre Peru e Equador; **Magali Cunha**, doutora em Ciências da Comunicação, narra a pesquisa que coordenou na FESUR (Fórum Ecuaménico Sulamericano) sobre fundamentalismos religiosos, políticos e econômicos que assolam nossa região e povos.

Eduardo Salas, responsável pelo Programa da Iniciativa Inter-religiosa pelos Bosques Tropicais em Peru (IRI- PERÚ) coordena a segunda parte sobre *Espiritualidade Indígena e o Acordo de Escazú*. Aqui, **Jocabed Solano**, teóloga e diretora de Memória Indígena no Panamá, nos conta sobre a filosofia e ontologia do povo Kuna; **Sofia**

Chipana Quispe, membra das Comunidades de Sábias e Teólogas Indígenas de ABYA YALA e da Articulação de Teologia e Pastoral Andina (Peru — Bolívia — Argentina) narra os muitos mundos andinos, “pluriversos” — em contraposição à noção cartesiana ocidental de uni-verso — e a luta incansável dos defensores e defensoras da Mãe Terra; **Yesica Patiachi Tayori**, professora bilingüe do povo Harakbut no Peru e conselheira REPAM (Rede Eclesial Pan-amazônica) discorre sobre a cosmogonia dos Harakbut e, finalmente, **Javier Jahncke**, Coordenador Nacional da Rede Iglesias y Minería do Perú, reafirma a importância da ratificação do Acordo de Escazú para que nossos povos e direitos sejam reconhecidos e respeitados.

Esperamos que esta publicação seja um instrumento de reflexão e ação para todas e todos que defendem e lutam pela nossa Casa Comum. Subscrevemos o [Manifesto Reflorestamentos da ANMIGA](#) (Articulação Das Mulheres Indígenas Guerreiras Da Ancestralidade) que defende uma convivência diferente com estes *pluriversos* a partir de cosmologias e saberes ancestrais.

“Cuidar da Mãe Terra é, no fundo, cuidar de nossos próprios corpos e espíritos. Corpo é terra, floresta é mente. Queremos reflorestar as mentes para que elas se somem para prover os cuidados tão necessários com nosso corpo-terra.”

Esta é a utopia — ou “o inédito possível” — na qual apostamos.

Boa leitura!

Beatriz Leandro

Coordenadora do Projeto Diálogo Ecuaménico e Interreligioso pela Amazônia em KOINONIA — Presença Ecuaménica e Serviço



SUMÁRIO

08. JORGE ARBOCCÓ

"ESPIRITUALIDADE INDÍGENA PELO
CUIDADO DA TERRA E DOS
TERRITÓRIOS DE ABYA YALA"

10. MARINÉZ BASSOTTO

**A IGREJA E A DEFESA DO MEIO
AMBIENTE** COMPREENDENDO A
MISSÃO DA IGREJA JUNTO AOS
POVOS DA FLORESTA

14. FELIPE TERÁN

DESAFIOS DA IGREJA PELA
DEFESA DA MÃE TERRA

24. MAGALI CUNHA

COMPREENSÕES A PARTIR
DO FORO **ECUMÊNICO
SUL-AMERICANO**

30. JOCABED SOLANO

O QUE DEVEMOS ESCUTAR
DOS **POVOS INDÍGENAS?**

40. YESICA PATIACHI TAYORI

A ESPIRITUALIDADE DOS
HARAKBUT

48. JORGE ARBOCCÓ

ORAÇÃO

49. SHEILA TANAKA

DESPEDIDA

ESPIRITUALIDADE INDÍGENA PELO CUIDADO DA TERRA E DOS TERRITÓRIOS DE ABYA YALA

18. JUDYT PATIÑO

O PROCESSO DE ENCARNAÇÃO
SEGUNDO O POVO ACHUAR

28. EDUARDO SALAS

A IMPORTÂNCIA DO **DIA DA
TERRA E DO ACORDO DE ESCAZÚ**

34. SOFIA CHIPANA QUISPE

VIVÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS
ANDINOS

44. JAVIER JAHNCKE

LUTANDO CONTINUAMENTE
PELO ACORDO DE ESCAZÚ

"ESPIRITUALIDADE INDÍGENA PELO CUIDADO DA TERRA E DOS TERRITÓRIOS DE ABYA YALA"



Todos e todas nós
somos sementes
no caminho
da vida, somos
todos um novo
amanhecer.

JORGE ARBOCCÓ, *Diretor de Paz y Esperanza Perú*

É um prazer poder celebrar este novo tempo. Todos e todas nós somos sementes no caminho da vida, somos todas e todos um novo amanhecer. Às organizações que fazem parte deste processo de trabalho no dia de hoje, KOINONIA do Brasil, MEMORIA INDÍGENA, RENOVEMOS NUESTRO MUNDO, INICIATIVA INTERRELIGIOSA PARA LOS BOSQUES TROPICALES, SIDE PERU, PAZ Y ESPERANZA, E ISEAT, damos-lhes as boas-vindas.

Neste dia, lembramos o Dia da Mãe Terra e a confirmação final em nossa América Latina, em ABYA YALA, do Acordo de Escazú¹. É um chamado para pensar no que a nossa América Latina está vivendo, no que ABYA YALA está vivendo.

Vemos que, a partir dos movimentos dos direitos humanos, dos movimentos eclesiais e dos movimentos indígenas, um importante trabalho está sendo realizado, porém, há uma agenda central que devemos fortalecer.

1 O Acordo Regional sobre o Acesso à Informação, à Participação Pública e ao Acesso à Justiça em Assuntos Ambientais na América Latina e no Caribe, mais conhecido como Acordo de Escazú, foi ratificado em 22 de abril de 2021, Dia Internacional da Mãe Terra. É o primeiro tratado regional da CEPAL (Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe) e um poderoso instrumento para a implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

É considerado um marco para a região, já que não é somente o primeiro tratado ambiental da América Latina e Caribe, mas também o primeiro em incluir disposições para a promoção e proteção dos defensores e defensoras dos direitos humanos na esfera ambiental. Está disponível em português, espanhol, quéchua, inglês e francês.

<https://www.cepal.org/es/acuerdodeescazu> (Data de acesso: 09/06/2021)



Sabemos que são tempos difíceis, que a América Latina, atualmente, é considerada o lugar onde estão morrendo o maior número de defensores dos direitos humanos: mais de 50% dos assassinatos acontecem na América Latina e, sobretudo, na Amazônia.

A nossa Amazônia, nossa mãe terra, ocupa mais de 46% de toda ABYA YALA. São mais de 50 milhões de hectares que vêm sendo depredados durante anos. Centenas de ativistas têm sido assassinados, perseguidos e torturados por defenderem os direitos da terra e os direitos da natureza. Há uma eco-justiça, um sentido da vida que precisa florescer e que, atualmente, não é visível em muitos dos nossos países.

Sentimos uma grande dor pelos mais de 300 defensores dos direitos humanos mortos no ano passado, em todo o mundo. A **COICA — Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica** reportou que, somente no ano de 2020, foram mortos 222 defensores da natureza vindos do movimento indígena. Isso deve representar um alerta para todos nós.

Atualmente, como dizíamos, reafirma-se o Acordo de Escazú em 12 países — 24 assinaram, mas apenas 12 ratificaram. O Acordo nos chama a atenção para a importância de mudar o nosso sistema de vida. A declaração do Rio, da qual nasce o Acordo de Escazú, no princípio 10, lembra-nos da importância da participação dos cidadãos e cidadãs, da justiça e do acesso à informação e a urgência de que a justiça seja feita para aqueles que são perseguidos, maltratados e assassinados. Precisamos justiça.

Creemos que as Igrejas, as Organizações de Fé, entre muitas outras, são chamadas a motivar este trabalho. Sentimos que é preciso, como diz a **COICA**: “voltar à Maloca”, “voltar à Milpa”, “voltar a Canaã”, voltar a um espaço nosso de vida, para recuperar a nossa identidade — não para voltar ao passado, mas para aprender dele e retomar essa vida comunitária. Essa perspectiva, à qual estamos todos e todas entrelaçados, busca de forma ecumênica o diálogo e a transformação.

Haverá dois importantes blocos de diálogo: O primeiro sobre a Igreja e a Defesa do Meio Ambiente, e o segundo sobre a Espiritualidade Indígena e a Importância do Dia da Terra e do Acordo de Escazú.



A IGREJA E A DEFESA DO MEIO AMBIENTE COMPREENDENDO A MISSÃO DA IGREJA JUNTO AOS POVOS DA FLORESTA



MARINÉZ BASSOTTO, Bispa da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
— Diocese da Amazônia

Agradeço pelo convite e pelo interesse em amplificar a voz da Igreja na Amazônia Brasileira, e também, das comunidades indígenas.

Apresentaram-me duas perguntas, das quais vou falar neste momento: A primeira é sobre os desafios da Igreja na temática de terra e território.

Quero começar indicando que a região da Amazônia do Brasil é um território de aproximadamente 5 milhões de Km² que equivalem a 53% do território brasileiro. Da mesma maneira, quero ressaltar que é a região com a maior quantidade de flora tropical do mundo, mas também é uma região com muitas desigualdades.

É uma região que por muitos anos tem sido carente de políticas públicas e com muitos problemas territoriais. A situação piorou muito com o início do governo Bolsonaro, onde houve muito mais prejuízos aos direitos humanos, às populações Quilombolas, Ribeirinhas e Indígenas.

Inclusive, isto piorou em 2020 quando houve uma grande quantidade de incêndios na região da Amazônia, 19% da área da Amazônia foi queimada, o que causou muitos danos.

Nesses tempos, a única coisa que o governo considera boa na região amazônica é o lucro que pode obter com o extrativismo; não a conservação nem a preservação em si da diversidade da Amazônia. Há, inclusive, estagnação nas leis e políticas sobre assuntos ambientais, não há avanços. Há uma falta de estrutura dentro do governo do Brasil nas instâncias de proteção ambiental.



PIXABAY

Aliás, o governo Bolsonaro quer flexibilizar estas leis para que possam explorar esses territórios protegidos pelas comunidades indígenas. Não existem ações de proteção contra a violência que essas invasões causam; e com isso temos um grande aumento panorâmico do desmatamento e dos danos nessas terras, que antes eram protegidas. Chamamos estas políticas de necropolítica ou políticas de morte. Uma dessas necropolíticas que está em processo de aprovação é o marco temporal, que é uma lei que reconhece como terras indígenas aquelas que foram ocupadas até 1988, quando foi promulgada a Constituição Federal do Brasil. Quer dizer que se até 1988 esses povos indígenas não estavam nessas terras, então não são consideradas terras indígenas.

Devemos lembrar que desde o início da invasão ao Brasil, os povos indígenas foram retirados de seus territórios. Dessa forma, foi retirado aquilo que garantia sua sobrevivência e atualmente acontece a mesma coisa: são retirados dessas terras que já não são consideradas como terras indígenas.

Como Igrejas, compreendemos a situação de conflito na Amazônia, mas também precisamos compreender a justiça em relação aos povos originários. Precisamos ter ações que nos movam a ampliar as vozes das populações nessa região. Para os povos originários, seu território é a casa que acolhe os conhecimentos e vivências de tudo o que eles têm como tradição. Os povos indígenas não veem a terra como lucro, mas como sagrado, como se fosse seus próprios corpos.

A luta pela existência e pela resistência de sua cultura passa por assegurar seus territórios e com isso manter sua forma de vida.



MARINÉZ BASSOTTO

Como Igreja Anglicana, repudiamos todas as ações que desrespeitam os povos indígenas da Amazônia. Por meio de cartas, a partir da Câmara dos Bispos e Bispas da Igreja Anglicana, também por incidências, a partir da Comunidade Anglicana, demonstramos o repúdio que temos a essas ações. Também realizamos ações junto às comunidades indígenas, especialmente de Manaus e da zona metropolitana, em aldeias próximas aos rios Purus, Solimões e o rio Manaus. Acompanhamos de forma solidária as mulheres indígenas na região de Manaus. Essas ações não se realizam apenas pela Igreja Anglicana, são ações realizadas de forma Ecumênica, ou seja, com outras igrejas, especialmente com aquelas que fazem parte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC).

Na região de Manaus há uma rede Ecumênica que se chama **AMAZONIZAR**, e na região do Pará, onde eu moro, existe o Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs, que por décadas está lutando pelos direitos, em busca de justiça e proteção para os povos da Amazônia e para os povos indígenas.

Algo importante que eu gostaria de destacar é que uma das aspirações mais sinceras, mais importantes que temos como Igreja, é esse desejo de querer um mundo melhor e um mundo mais solidário. Procuramos construir justiça com plenitude de vida, não apenas para os cristãos, mas para toda a humanidade. E assim como os Movimentos Ecumênicos se fizeram presentes nos momentos históricos da humanidade; da mesma maneira acontece agora: as Igrejas se unem em favor da Amazônia.

Nós aqui da Amazônia, e no Estado do Pará, temos um Projeto Ecumênico chamado **"Plantando Vidas" (Semeando Vidas)** que busca incidir em favor dos povos da Amazônia com proteção





ambiental, através de replantios e reflorestamento. Isso é feito ecumenicamente, com o apoio de Cáritas, Igreja Anglicana e outras Organizações e Igrejas que estão na região.

Quero terminar indicando que a Igreja Cristã, para que realmente seja fiel a Cristo, não tem que ser proselitista, ou seja, não tem que trabalhar somente e pela assistência das atividades da sua igreja, mas requer e precisa caminhar em conjunto com as populações originárias que reclamam o direito de territórios, e que clamam por respeito e pelo cuidado com as culturas.

Nós precisamos lembrar que os ataques às populações indígenas, aos Quilombolas e Ribeirinhos não são apenas danos à flora, à vegetação, mas, também prejudicam e violam o direito dos corpos físicos, violam seus espíritos e suas almas, portanto violam a integridade da Criação de Deus. Para fazer justiça ambiental na Amazônia é preciso garantir a identidade dos povos da floresta e a proteção da vida desses povos.



VIVA O DIA DA MÃE TERRA!
VIVA O ACORDO DE ESCAZÚ!
VIVA OS POVOS E VIVA AS
PESSOAS QUE LUTAM PELA
DEFESA DESSES POVOS!

[HTTPS://WWW.TWENTY20.COM/
PHOTOS/6385A048-25DE-431D-8D11-
FADCE2A5F7B6/?UTM_T20_CHANNEL=BL](https://www.twenty20.com/photos/6385A048-25DE-431D-8D11-FADCE2A5F7B6/?UTM_T20_CHANNEL=BL)

DESAFIOS DA IGREJA PELA DEFESA DA MÃE TERRA

FELIPE TERÁN, *político e professor do Instituto Superior Ecumênico Andino de Teologia (ISEAT) e da Universidad Pública del Alto, Bolívia.*

Hoje é um dia muito importante para nós como humanidade, um dia declarado pelas Nações Unidas como o Dia da Mãe Terra. Particularmente, é uma declaração que foi impulsionada pelo governo da Bolívia e de suma importância para a humanidade. Sou do **ISEAT, Instituto Superior Ecumênico Andino de Teologia**, e estamos trabalhando há vários anos o tema da Amazônia. Somos um instituto especializado em Ciências da Religião e Teologia. Temos uma profunda convicção Ecumênica, trabalhando há muitas décadas com temas vinculados ao meio ambiente e, no último ano, temos contribuído com pesquisas sobre o tema. Temos trabalhado com povos indígenas Mosestenes, e Chimanés, bem como com vários povos Amazônicos e, ultimamente, escrevemos um texto sobre a espiritualidade da água, que trata sobre a espiritualidade dos povos amazônicos, principalmente num lugar chamado San Ignacio de Moxos, onde os povos ainda mantêm uma forte conexão com a água.

Quais são os desafios da Igreja para apoiar a defesa da Mãe Terra?

Aqui na Bolívia, o tema da biodiversidade e do cuidado com o meio ambiente é um problema muito importante. Temos quase 854.000 Km de Amazônia, mas também temos eco parques nas Regiões Andinas. E efetivamente aqui, pela experiência que vivemos, toda a nossa parte Amazônica, mas ao mesmo tempo a nossa parte Andina, está sendo ameaçada pelo aumento na demanda global por alimentos, principalmente dois: a carne e a soja.



FELIPE TERÁN

A Bolívia é um grande produtor de soja e de carne — não na medida de outros países como a Argentina, o Uruguai e inclusive o Brasil — mas nos últimos anos começou a incrementar de maneira acelerada a produção de carne. Curiosamente, o aumento da produção de carne e de soja coincidiu com os incêndios que o bosque Chiquitano sofreu.

Por quê? Principalmente pela demanda da China, mas também de outros mercados por carne, faz com que a atual fronteira agrícola se estenda para cumprir tais demandas. Então os grandes pecuaristas procuram expandi-las, o que tem uma incidência direta nos incêndios florestais. Vale esclarecer que não são causas naturais, e sim incêndios provocados pelo ser humano.



Então o agronegócio, embora sustente economicamente países da América Latina, não é necessariamente muito amigável com o meio ambiente, principalmente quando se trata de desmatar. Esse é um problema que temos experimentado nos últimos anos e, além disso, o crescimento e o desenvolvimento ameaçam a vida dos povos, especialmente em lugares amazônicos, porque esse território sempre é visto pelos Estados como aproveitável, mas às vezes os Estados se esquecem que tem gente que os habita. Esta é a problemática que quero ressaltar.

Hoje, no Dia da Mãe Terra, o Governo Boliviano revogou os decretos que estabeleciam a entrada de transgênicos, o que é uma boa notícia porque obviamente afetava toda a nossa biodiversidade.

Analisemos agora o problema da Igreja na América Latina. Sempre houve uma forte predominância da Igreja Católica. A influência desta, tanto política como ideologicamente, sempre foi contrária aos interesses dos povos andinos e amazônicos. No entanto, a Igreja de Roma tem experimentado mudanças desde que o Papa Francisco assumiu. Ele se posicionou, diante da opinião pública internacional a ideia do cuidado da Criação como elemento central a partir do que tentou fazer com o Sínodo da Amazônia. Contudo, as filiais bolivianas só tomaram esta posição a partir de um ponto de vista declarativo.

Por outro lado, temos as Igrejas históricas e as Igrejas Protestantes. A Igreja Católica, a partir de todo o século XX e parte do século XXI, praticamente tem sofrido uma reacomodação. Embora antes fosse uma Igreja muito mais política e muito mais vinculada a projetos de vida, no pacto feito principalmente por Ratzinger, mas também por João Paulo II com o grande capitalismo, a Igreja Católica passa de propor alternativas de vida ou de esperança a ter uma doutrina mais de valores universais, mas que não são capazes de transformar nada.



ANNA OM

Sua missão se transformou para sustentar a ordem estabelecida.

Nesse contexto, é uma Igreja que sempre tem estado vinculada ao poder, e de maneira muito fácil tem se adscrito a essa ideia se esquecendo das grandes transformações necessárias para os mais necessitados.

Na Bolívia, a Igreja Católica se transformou num dos espaços mais conservadores da vida pública. No entanto, esse espaço que a Igreja Católica deixou de lado nas comunidades e povoados, foram ocupados pelas Igrejas Históricas, como as Igrejas Metodista, Luterana, Batista e também outras Igrejas Pentecostais. O interessante aí é que onde apareceram essas Igrejas, não foi na contramão das espiritualidades dos povos, mas ao contrário, encontrou

uma maneira de construir Igreja sem tentar extirpar, amedrontar ou demonizar espiritualidades. Sobretudo, a Igreja Metodista.

A Igreja Metodista e outras Igrejas Neopentecostais, que praticamente foram construídas no calor das circunstâncias, ao invés de uma doutrina, que se estabeleceram em comunidades e povos, tanto na Área Andina como na Amazônica, de alguma maneira, conseguiram construir espaços interculturais e inter-religiosos. Por isso, as relações internas das Igrejas históricas determinaram que os povos tomem o controle das Igrejas, um fenômeno que aconteceu com os Luteranos e Batistas.

Agora a Igreja tem um desafio central — quando falo de Igreja, refiro-me às Igre-



//

Devemos lembrar que, desde o início da invasão do Brasil, os povos indígenas foram removidos de seus territórios.

jas Cristãs de forma mais ecumênica — tem que começar a propor uma voz profética, ou seja, a necessidade de transformação. Considero que esse é um elemento central porque a mudança climática não é um problema exclusivamente nacional. Por exemplo: o problema da Bolívia, ou da Amazônia Boliviana, não se reduz ao seu território, porque se a Amazônia acabar, em termos globais se acaba o planeta.

Os problemas não se reduzem aos Estados, são problemas globais que estão ligados ao aumento da dialética de “produção — consumo/produção — consumo”. Então, este aumento acelerado da forma como consumimos está gerando desequilíbrios muito mais fortes e são os causadores da crise climática.

Neste momento, como a Igreja pode fazer para focar ou especificar melhor a luta?

É preciso que esta Igreja encontre caminhos mais inter-religiosos porque vai ser necessário um diálogo com a espiritualidade dos povos. As Igrejas não podem ir contra a espiritualidade dos povos. Um exemplo: em San Ignacio de Moxos, os povos acreditam em “el Jichi”, uma deidade. Na realidade é uma serpente, uma anaconda que habita uma lagoa.

Conforme as Igrejas locais contam, a anaconda foi um menino, que ao ir com sua mãe lavar roupas, a anaconda o engoliu, e ao entrar na terra, surgiu a lagoa. Essa região nunca sofre de seca, nunca tem problemas com água. Eles acreditam que essa anaconda vive dentro da lagoa e é o espírito tutelar que dá vida à água, e por isso cuidam da lagoa. Tem um sentido lógico. De alguma maneira essas espiritualidades marcam o nosso retorno, em relação à nossa espiritualidade com a terra. É algo que não podemos perder, creio que isso é central.

Como podemos recuperar essa espiritualidade com a terra? Esse é um desafio muito interessante que as Igrejas têm, porque muitas delas não querem ter relação e não querem partir da espiritualidade dos povos. Não veem pontos de interação e, eu acredito que existem mais pontos de interação que diferenças. Isso também faz parte do nosso trabalho em um mundo mais inter-religioso. Creio que essa é uma aliança fundamental, porque à medida que a Igreja e os povos possam ir reformando a espiritualidade e como nós nos relacionamos com a terra — de maneira mística e profética — vamos abrir espaços para mudanças possíveis.

O PROCESSO DE ENCARNAÇÃO SEGUNDO O POVO ACHUAR

JUDYT PATIÑO, Missionária da Madre Laura. Conselheira Geral da Área de Missão.



Compartilho com vocês minhas experiências de caminhar com os povos indígenas e com os povos afrodescendentes da Colômbia, do Peru e do Equador. Estas experiências me ajudaram muito a ver que só caminhando com o povo é que nós podemos encontrar as características para exercer este seguimento a Deus, ao Jesus da vida que está concretamente no rosto dos nossos irmãos indígenas e dos nossos irmãos afrodescendentes.

Eu quero responder aos desafios com a expressão de uma menina Achuar, na região da fronteira entre Equador e Peru, que diz:

O território é um lugar sagrado que abriga a vida. No mundo Achuar chamam as árvores e os animais de "Iwianch" que são manifestações de Arutam: a jiboia, a coruja, o veado, a onça.

Nas entranhas da terra existe Nunkui (mãe da terra), uma divindade feminina muito relacionada com a mulher, ela se transforma na dona da chácara

//

O território é um lugar sagrado que abriga a vida. No mundo Achuar a árvore e os animais são chamados de "Iwianch" que são manifestações de Arutam: jiboia, coruja, veado, onça.

JUDYT PATIÑO

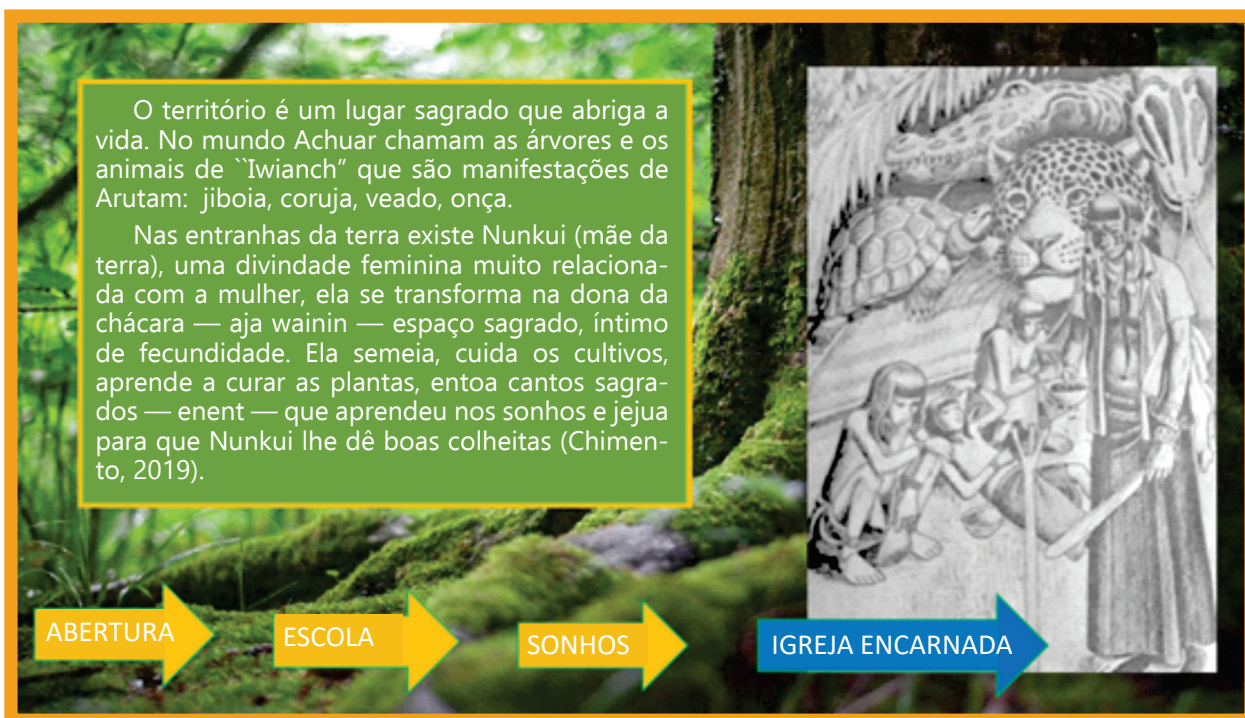
— aja wainin — espaço sagrado, íntimo de fecundidade. Ela semeia, cuida os cultivos, aprende a curar as plantas, entoia cantos sagrados — enent — que **aprendeu** nos **sonhos** e jejua para que Nunkui lhe dê boas colheitas (Chimento, 2019).

Penso que esta expressão de Chimento é um desafio para nós como Igreja. É um desafio porque todo esse mundo dos povos originários implica uma abertura a toda essa cosmovisão e cosmo vivência que eles têm guardado há milênios lá no profundo de seu ser. Por isso, abrir-nos à mensagem desse povo é entrar em um processo de encarnação; assim como a nossa unha está encarnada e está tão forte que quando toca, dói.

Para nós é um grande desafio como encarnar-nos hoje, como entrar para ver este povo Achuar, para ver Iwianch nessa árvore grande, nessa manifestação sagrada e aproximar-nos a essa realidade espiritual do povo. Só vamos conseguir isso quando virmos que os povos originários e o território são a nossa escola: uma escola que vai

nos ensinar a vida, a ajudar a aprofundar-nos nas raízes do nosso seguimento a Deus, ao Jesus da história. Só assim poderemos escutar e compreender os sonhos.

Na imagem abaixo vemos um ancião que acompanha os netos para que consigam ter uma visão. É assim que vamos compreender ser possível ir além, somente a partir da abertura da encarnação e de ver o nosso processo como uma escola.



A imagem seguinte me leva aos desafios: tirar o calçado, porque o solo que estamos pisando é uma terra sagrada, uma terra santa. Tirar as sandálias implica em sair dos nossos esquemas pessoais, sair da nossa cultura e entrar na outra sem perder a nossa.



Hoje em dia falamos em descolonizar: descolonizar as nossas mentes, nossos costumes, sem impor nada. Chegar lá e sentar-nos ao lado do irmão e da irmã que está aprendendo. Sentar-nos lá sem impor nada e escutar. Nós dizemos que este é o tempo do Kairós: o tempo do espírito. Agora estamos na Páscoa, em tempo pascoal, esperando o espírito, e é verdade que este é o nosso tempo. Os povos da Amazônia estão neste tempo do espírito, nessa força integradora que nos motiva a reunir-nos, que nos motiva a resolver situações comunitárias. Dizem: ao ouvirem aquele ruído, as pessoas que estavam reunidas ficaram perplexas ao ouvi-los falar cada um em sua própria língua. Impressionados e admirados diziam: “não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?”

Nós sabemos que a língua materna, o idioma materno dos nossos povos, é a porta que vai nos ajudar a compreender o pensamento de um povo. Mas, mesmo assim devemos tirar o calçado, já que só assim poderemos aprender a língua. Pois, com as nossas sandálias e os nossos esquemas, não vamos chegar com abertura e encarnação suficiente para acompanhar uma cultura.

As diversas Igrejas Cristãs podem trabalhar juntas?

Eu penso que sim. Na representação da imagem do milho, somos todos uma família, uma variedade de povos, uma diversidade de línguas, de cosmovisões. Por que não podemos nos unir numa trança e lutar em favor da vida? Da vida do território, da vida



dos filhos da terra. Santiago Manuín, um líder do povo Awajún, que foi um dos fortes na defesa da Amazônia Peruana, dizia:

“A coluna vertebral do indígena para proteger o território, são as profundas convicções de identidade como povo. Este princípio se alcança na aproximação ao espaço sagrado mediante as plantas maestras: elas orientam o caminho da sabedoria.”

O povo Achuar e os povos originários nos dizem:

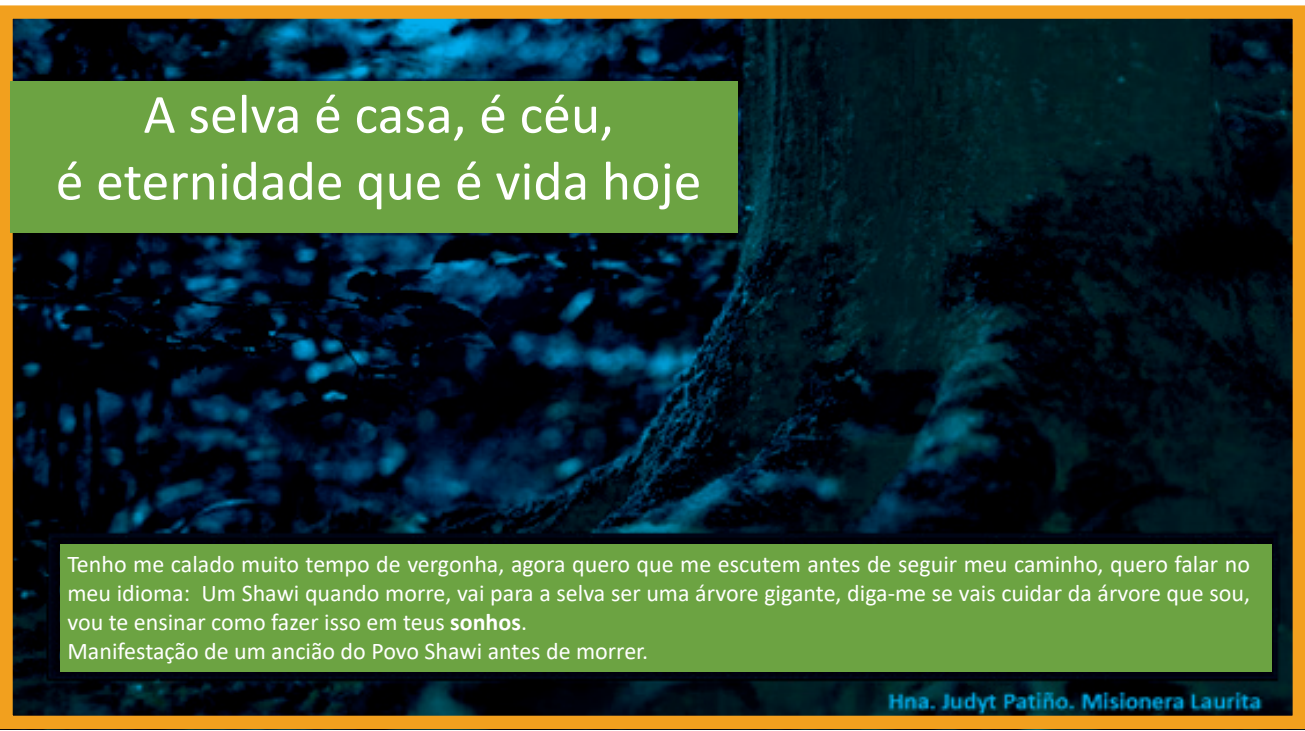
“O território é sustentado pela espiritualidade que se encontra na tradição oral dos seus mitos e na experiência dos ritos”.

Se Santiago nos fala da identidade que sustenta o povo e da espiritualidade, creio que o nosso compromisso como igreja é termos uma identidade, a identidade de Jesus ressuscitado, a identidade desse espírito que está presente como um Kairós, como um acontecimento novo.

Como nos dizia Felipe Terán, o participante anterior, o profetismo, o nosso testemunho é ter uma profunda identidade com este Deus da vida que está presente na natureza e neste grande território, neste grande bioma amazônico, também andino e da costa. Este testemunho deve nos vincular e, sinceramente lhes digo, se guardamos uma carga profunda de espiritualidade, vamos ver que o outro não é diferente. Nos povos indígenas não há essa discriminação interna, eles assumem e veem que o que nos fortalece é o que vai nos unir. Assim como a “chicha” de milho, eu penso que podemos ser firmes e fortes na defesa do nosso território e dos filhos da terra, que dão sua vida pelo seu testemunho profético de defesa e amor ao território.

A última imagem é uma experiência com um ancião Shawi. “Tenho me calado muito tempo de vergonha, agora quero que me escutem antes de seguir meu caminho, quero falar no meu idioma” — e em seu idioma nos disse: “Um Shawi quando morre, vai para a selva ser uma árvore gigante, diga-me se vais cuidar-me e então vou te ensinar como fazer isso em teus sonhos.”

Penso que o Shawi morreu e, muito provavelmente, está lá como uma árvore frondosa. É a nossa esperança, porém sabemos que na Amazônia a devastação e a exploração madeireira é grande. Tudo se vê como um afã econômico e de acumulação. Mas os povos indígenas nos ensinam que as árvores são um Shawi adulto e maduro que ao morrer se



A selva é casa, é céu,
é eternidade que é vida hoje

Tenho me calado muito tempo de vergonha, agora quero que me escutem antes de seguir meu caminho, quero falar no meu idioma: Um Shawi quando morre, vai para a selva ser uma árvore gigante, diga-me se vais cuidar da árvore que sou, vou te ensinar como fazer isso em teus **sonhos**.
Manifestação de um ancião do Povo Shawi antes de morrer.

Hna. Judyt Patiño. Misionera Laurita

transformou numa árvore e ficou lá, e seguirá orientando às futuras gerações no coração da selva, no coração da Amazônia. Essas expressões dos povos indígenas representam um desafio e uma forte fonte de unidade. Creio que as diferenças não são tão importantes diante deste desafio comum, o que este ancião do povo Shawi nos mostra.

Estaremos nós — eu também me pergunto — dispostos a escutar esse homem que por muitos anos foi silenciado e invisibilizado? Estaremos dispostos a escutar esta cultura que está sendo exterminada pela morte das suas lideranças, pela con-

taminação e pela devastação do seu território? Se estivermos dispostos a escutá-los, eles vão nos ensinar. E se estivermos dispostos a cuidá-los, iremos aprender a sonhar e eles nos ensinarão como fazê-lo.

Eu, com esta mensagem do povo Shawi, quero tocar a nossa consciência e o nosso coração, a nossa entrega ao Deus da vida a partir das diversas formações e capacitações que temos, e poder somar-nos a esta grande contribuição neste momento da história, no amor e no cuidado da nossa casa comum, da nossa Mãe Terra.

Muito obrigada.



UNPLUSH



COMPREENSÕES A PARTIR DO FORO ECUMÊNICO SUL-AMERICANO

Magali Cunha, doutora em Ciências da Comunicação (Universidade de São Paulo), Pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER) e colaboradora do Conselho Mundial de Igrejas.



//

... se a terra desaparece,
as comunidades
desaparecem.

MAGALI CUNHA

Vou compartilhar compreensões de uma pesquisa do Fórum Ecumênico Sul-Americano, de ACT Alianza FESUR, que coordenei no ano de 2020, e tem a ver com o que foi compartilhado esta noite pela Bispa Marinéz e pelo Professor Felipe. Refiro-me aos desafios de enfrentar os fundamentalismos neste contexto. Os fundamentalismos são uma cosmovisão baseada na ideia da submissão das maiorias e a supremacia da raça branca, que tem uma compreensão da fé cristã conservadora e reacionária. Fazem uma leitura bíblica descontextualizada e seletiva para justificar esta cosmovisão. O fundamentalismo nega os direitos às minorias, especialmente aos trabalhadores, mulheres, homens, comu-

nidades tradicionais, indígenas e afrodescendentes no nosso continente.

Neste sentido, os fundamentalismos negam o cuidado da terra, da integridade e da Criação de Deus, como fala a Bispa Marinéz. Traz uma visão antropocêntrica para a fé, vendo a terra como um lugar de exploração e riqueza, por isso guarda silêncio diante da destruição da terra. A missão dessas Igrejas é converter pessoas — como falou o Professor Felipe — fazer proselitismo. Com isso também passaram a atuar de forma ameaçante à cultura dos povos tradicionais de matriz indígena que especialmente estamos enfatizando aqui hoje, classificando os povos tradicionais e

suas espiritualidades como bruxaria, como algo demoníaco, ignorando totalmente o diálogo e a cooperação inter-religiosa.

A conversão à Fé cristã sempre significou a assimilação da cultura branca, dos missionários à adoção da sua língua, sua forma de vestir, de comer, de formar uma família, de se relacionar com eles, de viver em comunidade, de se integrar com o meio ambiente, de “fazer política”; sempre por meio desta compreensão fundamentalista da conversão à Fé cristã, sempre essa assimilação da cultura branca do Norte.

Esses grupos fundamentalistas que estão na nossa terra, especialmente na Amazônia, nos nossos espaços na nossa América Latina, são católicos também, apesar de algum progresso, algum avanço na Igreja Católica, e ao longo do século XX. O Professor Felipe falou sobre isso. Vários grupos católicos ainda mantêm essas práticas fundamentalistas de reclamar conversão, de impor a cultura branca, e há muitos grupos evangélicos, especialmente através de agências missionárias estado-unidenses.

Vimos durante duas décadas do século XXI, dos anos dois mil, que as políticas neoliberais impõem normas para a reconstrução do estado que afetam a terra, os bosques, seus habitantes, os rios, os mares, os minerais, o ar, e chegam às comunidades tradicionais também com a extinção das políticas públicas para a preservação de territórios e cultivos das culturas ancestrais. A maioria dessas comunidades não têm as mínimas condições para existir — isto significa a desconstrução de direitos conquistados, a imposição da desterritorialização com o objetivo de explorar terras historicamente ocupadas por Agroindústrias e por empresas de Mineração. A determinação do integracionismo significa que estas populações têm que aderir a este modelo para fazer parte da sociedade.



DAHIANA-WASZAJ-NMFPZI1TZUO-UNSPLASH

Estas políticas também têm sido integradas por fundamentalismos. Nestes anos de 2000 se identificou a expansão das atividades de grupos fundamentalistas, alguns vinculados a Empresas Agroindustriais, Mineiras, Madeireiras e Especuladoras Imobiliárias que procuram intervir nos territórios destas populações e destruir a terra, destruir a água em busca dos seus interesses econômicos. Existe o risco de extinção de povos tradicionais, especialmente agora com a pandemia da COVID 19 que gerou empobrecimento, miséria, insegurança alimentar e muitas mortes de gente e da terra.

Para finalizar este comentário, a pesquisa de FESUR do ano de 2020 apontou possíveis respostas a tudo isso — que as Igrejas e as Organizações Religiosas baseadas na fé podem oferecer respostas a este tema, especialmente clamando pela responsabilidade com a terra. Um elemento apontado na pesquisa é a retomada dos processos de formação críticos, para que as Igrejas e os grupos baseados na Fé tenham a oportunidade de compreender sua própria espiritualidade, a espiritualidade dos povos da América Latina, dos povos que estão na terra, como falou o Professor Felipe Terán.

A pesquisa também afirmou que as comunidades indígenas têm resistência pelo apego à terra, e a compreensão de que se a terra desaparece, as comunidades desaparecem.

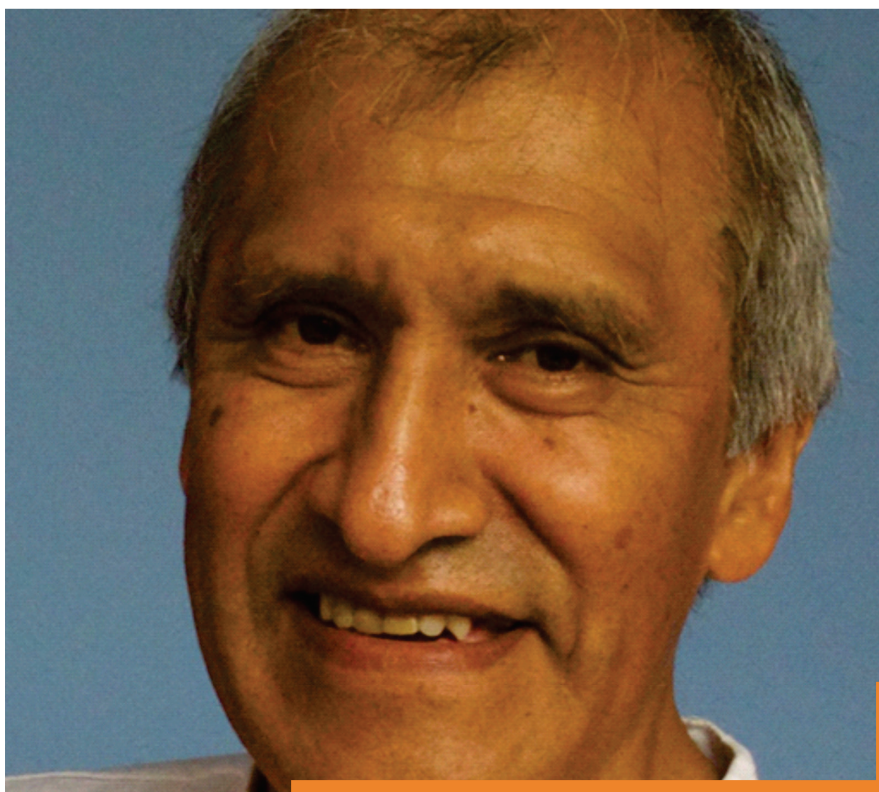
A Teologia Cristã e outras religiões, especialmente a que pensa no novo Céu, na nova terra, responde a essa religiosidade originária. Há um encontro que fomenta a ocupação e a defesa dos territórios indígenas especialmente — isto deve ser destacado — em uma formação crítica. Estes elementos precisam estar neste processo de formação dos grupos religiosos para que especialmente as Igrejas que têm um apego ao fundamentalismo, vivam um processo de conversão da sua espiritualidade.

Finalmente, é importante ressaltar o tema da segurança alimentar em relação à saúde diante da insegurança que os Agronegócios e a Industrialização dos alimentos impõem. A experiência indígena a respeito dos alimentos é um ponto de aprendizagem para nós.





A IMPORTÂNCIA DO DIA DA TERRA E DO ACORDO DE ESCAZÚ



Eduardo Salas, responsável pelo Programa da Iniciativa Inter-religiosa pelos Bosques Tropicais no Peru (IRI — PERU)

EDUARDO SALAS

Estamos aqui neste Dia da Terra, neste dia que queremos lembrar que somos terra e ver a relação que temos com esta terra, com esta casa, com este planeta, com este espaço comum que nos foi outorgado.

Na Iniciativa Inter-religiosa para os Bosque Tropicais no Peru, IRI Peru parte de um fato importante: 94% da população no país tem um credo religioso, e em todas as comunidades religiosas a terra é uma dádiva do Criador. Uma dádiva que deve ser possível e viável para todas as gerações.

Está claro que, nesta tarefa, devemos aprender dos povos indígenas que habitam a Amazônia, 53 povos no caso do Peru, da harmonia que eles têm para conviver com ela sem depredá-la, sem acabar com ela e conscientes de que a saúde da natureza é também a saúde dos seres humanos. Para isso, reunimos as comunidades de fé com

os povos indígenas, com a empresa privada, com as autoridades locais, regionais e nacionais, bem como com a sociedade civil, com a finalidade de colocar na agenda nacional a conquista de uma Amazônia saudável, sustentável, produtiva e resiliente.

Necessitamos desse diálogo, desse encontro e dessa aproximação para sentir a natureza, para vivê-la e para desfrutá-la, conscientes de que somos apenas mais um elemento no belo enredo organizado pelo Criador.

Neste terceiro bloco, vamos conversar sobre A Espiritualidade Indígena e a importância do Dia da Terra e do Acordo de Escazú. Para isto temos duas expositoras: Jocabed Solano, Teóloga do Povo Kuna do Panamá, da organização Memória Indígena, e Sofia Chipana que é religiosa e membro da Comunidade de Sábias e Teólogas Indígenas de Abya Yala e da Articulação





de Teologia e Pastoral Andina (Peru, Bolívia, Argentina).

Então, vou convidá-las para que possam apresentar suas reflexões a partir de 3 perguntas, que lhes solicitamos para aproximar-nos ao tema:

Primeira pergunta: Quais fundamentos da Espiritualidade Indígena podem ser importantes referentes para as Igrejas na defesa do meio ambiente?

Segunda: O que falta para que as Igrejas reconheçam a Espiritualidade Indígena e sua relação com o cuidado da terra e dos territórios?

E, finalmente: Qual é a importância do Acordo de Escazú e do Dia da Terra para as Igrejas?



Está claro que, nesta tarefa, devemos aprender dos povos indígenas que habitam a Amazônia

O QUE DEVEMOS ESCUTAR DOS POVOS INDÍGENAS?

JOCABED SOLANO, Diretora de Memória Indígena e missionária de Unidos em Missão (United World Mission)



JOCABED SOLANO Nação: Gunadule — País: Panamá

Saudação especial a todas as irmãs e todos os irmãos da nossa querida ABYA YALA, lembrando de maneira especial dos nossos avôs e nossas avós, nos territórios indígenas são os que seguem lutando pela preservação das identidades dos nossos povos.

Quero começar compartilhando algumas breves impressões em torno das 3 perguntas que me propuseram, com este relato:

"Toquei-a, sentia-me superior, podia manipulá-la aos meus caprichos, jogar, pisotear. Um dia, fora da casa Kuna Dule, vi a minha avó me observando fixamente. Ela me chamou e me disse: 'Minha filha, vem cá, vou te contar uma história'. Ela, com seus olhos profundos, com suas mãos firmes e

seu silêncio, e com respeito, disse-me estas palavras: 'Tudo foi uma grande festa. Baba e Nana deram vida às flores, e elas se movimentaram com vida. Elas encarnavam nossa vida'.

Ao terminar de me contar a história, não foi mais possível ver a terra da mesma maneira, busquei-a e quando a toquei, eu me vi refletida nela; a partir desse dia soube que a terra é a nossa mãe, Nabgwana, o coração da mãe, o coração do pai. Nós estamos unidas e unidos a ela, como o cordão umbilical une a mãe aos seus filhos."

E diante desta experiência de vida, contada a partir de um relato, e escutando as histórias do povo Guna Dule sobre a forma que um povo percebe e concebe a cosmogonia, e como o meu povo entende o processo da relação do povo Guna Dule com a Mãe Terra, gostaria de apresentar algumas propostas:

Como é a visão do nosso mundo? E, neste caso, como é a nossa visão e relação com a Mãe Terra? Como vivemos e entendemos a vida?

Para o povo Guna Dule, esta relação está muito próxima à nossa espiritualidade, a qual chamamos de Caminho de Deus, mas que na língua kuna é: o caminho dos nossos pais, das nossas mães, o Caminho da Grande Mãe e do Grande Pai (Babigala anmar daniggid igala). Esta espiritualidade que está presente no viver diário, na nossa narrativa da vida — porque a diferença que os povos originários propõem, os povos indígenas em ABYA YALA, como o povo Guna Dule reconhece o continente América — terra madura, terra de sangue, terra plena — há uma grande diferença na epistemologia, mas a partir da sabedoria Guna Dule, poderíamos chamar de paradigmas da sabedoria da Mãe Terra, ou seja: não somos nós e a terra, mas, nós na terra, porque fazemos parte dela.



GUNA DULES

O avô Guna Dule afirmou dizendo: nós não somos sem a terra, ou seja, somos parte dela. Sempre se afirmou que onde há uma *Nabgwana*, quer dizer, onde está a Mãe Terra, florescem os povos indígenas, afirma um irmão chamado Aristides Turpana do povo Kuna. E o que significa isto? O vínculo que há entre *Nabgwana* e a vida dos Guna Dule, ou seja, dos filhos da superfície da terra, é um assunto ontológico do ser e não do significado, porque *Nabgwana* é a existência espiritual dos povos indígenas do ABYA YALA, a subjetividade de que fazemos parte dela e de tantos seres vivos. Esta espiritualidade representa uma nova maneira de poder ver e viver a vida, ou seja, a partir dos sentidos, fazendo parte do corpo da terra, e não como pessoas alienadas dela.

Além disso, quando pensamos nesta abordagem, também temos que reconhecer que a vida do ser humano não poderia ser possível sem a terra. "Não serei nada sem a terra, serei pobre sem ela", diz um avô Guna. Esta sabedoria da Mãe Terra nos apresenta uma nova forma de economia da vida que é nova para nós, mas é ancestral, porém nova para os estudiosos das ciências sociais e da economia hoje em dia, mas para os povos indígenas do ABYA YALA, representa as formas de relações e de convivência com todos os demais seres vivos.

Por outro lado, o reconhecimento das bondades da Mãe Terra, como uma forma da ética da vida do bem viver, que nos

propõe uma relação entre todos os seres vivos para reconhecer esta reciprocidade da vida e a gratuidade está presente, não só ao receber da Mãe Terra, mas também ao dar.

Esta forma de pensar que emergimos dela, que fazemos parte dela, que somos alimentados da terra e que ao morrer somos cultivados nela, representa o ciclo da vida. Por exemplo, quando entendemos como povo Guna Dule, que ao nascer semeamos a nossa primeira árvore, como uma cerimônia que nos cobre a todas e todos neste ciclo da vida, e quando se pergunta às crianças, quem é tua irmã árvore? Podem dizer: o pé de cacau, a mangueira, o abacateiro... Esta relação de família que precisamente reconhecemos como uma parte dela.

Mas quando pensamos um pouco em se tratando da Igreja Protestante e Católica, o que devemos reconhecer e seguir dialogando e escutando dos povos indígenas? Quero dar algumas implicações breves:

Para o povo Guna Dule, quando dizia Nana e Baba, queria dizer que a Grande Mãe e o Grande Pai se manifestam para a Mãe Terra, para a qual o povo Guna Dule tem mais de 72 nomes. A Mãe Terra é um ser vivo que sente, pensa, renova-se, reflete, sofre, lamenta, celebra, gera, crê, morre e revive. Os diferentes nomes que o povo Guna Dule lhe dá, falam do processo de mudança que a Mãe Terra tem vivido. Antes de existir o ser humano, a Mãe Terra

já existia. Portanto, sua voz e sua memória é a mais ancestral em relação com toda a criação e em relação com o ser humano.

E há algumas diferenças — mas também encontros — entre as Teologias Cristãs e as Espiritualidades Indígenas. A revelação a partir da Teologia Católica se trata de uma decisão do próprio Deus, que por própria iniciativa, de acordo com o seu plano Salvífico Universal, revela-se pelo interesse e o amor que tem por todos e cada um dos homens e mulheres de toda a história. Claro que estamos falando de uma tradição que tem muitas teologias, por exemplo, só quando se dá a conhecer esta autocomunicação é que acontece a revelação de Deus no sentido pleno.

A doação que Deus faz de si mesmo e sua revelação, são dois aspectos inseparáveis do acontecimento de Jesus. Existem outras propostas que podemos entender, mas quando vamos expor um pouco mais do povo Guna Dule em sua espiritualidade, o que representa é que a divindade, A Grande Mãe e o Grande Pai se revelam na Terra e para a Terra. Então sugere que a teóloga mais antiga é a Mãe Terra, como mestra e como ancestral, também como espaço teologal onde o ser humano pode compreender e se relacionar com Deus.

Por outro lado, também pensamos que neste processo reconhecemos que a teologia Guna Dule Abyayalense sugere que a Grande Mãe e o Grande Pai se revelam e se manifestam para a Mãe Terra e na Mãe Terra, é toda uma perspectiva diferente da grande tradição do Cristianismo que concebe a criação como um livro vivo que revela a natureza de Deus. No entanto, aqui se afirma que esta relação profunda que o ser humano tem é em relação com a Mãe Terra.

Finalmente, para fazer um resumo, é que quando entendemos sobre a espiritualidade indígena, há muito que nos revela e que fertiliza as teologias da Igreja Cristã.

GUNA DULES



Sem a teologia da terra, da Mãe Terra e uma hermenêutica da terra, dos povos indígenas, não poderíamos então ser fertilizados por esta sabedoria milenar que nos fala da divindade na Mãe Terra.

Agora, por que a importância do Acordo de Escazú? E com isto finalizo esta pergunta.

O que é o Acordo de Escazú?

É o acordo Regional sobre o acesso à informação, à participação pública e o acesso à justiça em assuntos ambientais na América Latina e o Caribe. E, que relação tem tudo isso com o que apresentamos? Que enfatiza a proteção e dá ferramentas às pessoas defensoras dos direitos humanos em assuntos ambientais.



Em ABYA YALA, lamentavelmente, em 2019 assassinaram mais de 200 ativistas, e isto também tem a ver com os irmãos e as irmãs e comunidades indígenas e afrodescentes que habitam neste espaço que chamamos de ABYA YALA. Por isso, que se torne vigente o Acordo de Escazú a partir de hoje, também é um chamado, não somente de acordo de incidências políticas, mas profundamente espiritual. Assim concluo, como diria o avô Guna Dule:

“Não somos, não vivemos sem a Mãe Terra, porque dela emergimos, dela nos alimentamos e somos cultivados nela. A proteção e o direito a políticas públicas que cuidem dos defensores dos direitos humanos é uma repercussão profundamente espiritual. Portanto, reconhecemos a importância da espiritualidade sem a dicotomia da incidência política a partir das políticas do povo Kuna Dule e dos povos indígenas.”



CUNA DULES

VIVÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS ANDINOS

SOFIA CHIPANA QUISPE, membro das Comunidades de Sábias e Teólogas Indígenas de ABYA YALA, e da Articulação de Teologia e Pastoral Andina — Peru, Bolívia e Argentina.

//

... somos um fio neste grande tecido da vida.

É um prazer poder compartilhar estes caminhos, neste tempo e nestes espaços, obrigada a Jocabed por essa sabedoria que nos chega de seus territórios tão queridos de Gunadule, com os quais também nos vinculamos a partir da força do sentido territorial de Abya Yala.

A partir do meu lugar, vou compartilhar a experiência que vivemos nos Territórios Andinos. Embora eu faça parte de diversas articulações, resgato as reflexões sobre o sentido e o sentir das espiritualidades andinas, em relação ou a partir da incorporação com outros povos que recebemos o nome “colonizador” de índios ou indígenas, mesmo que, a partir das nossas resistências nos sentimos incorporadas e incorporados na nossa identidade a fim de sustentar-nos como povos.

No primeiro encontro que tivemos como comunidade de mulheres indígenas, constituímos-nos como Comunidade de Teólogas, porque muitas de nós acedemos aos estudos teológicos; já que somos de diversas denominações eclesiais. Mas conforme fomos caminhando como comunidade, vimos que o teológico ia ficando limitado, já que para nossos povos ancestrais milenares em Abya Yala, as sábias e os sábios são importantes porque têm o reconhecimento das suas comunidades ou em alguns povos são chamados de avôs e avós porque conservam os saberes e sabedorias.



SOFIA CHIPANA QUISPE

Portanto, a partir desse reconhecimento nos afirmamos como “Comunidade de Sábias e Teólogas”, usando ainda esse nome ocidental relacionada à teologia, contudo, caminhamos a partir do reconhecimento da espiritualidade ancestral que passa pelos nossos corpos e na grande rede de relações. Por sua vez, é a força vital que se expressa em nossos idiomas, cores, melodias, danças, festas, rituais, mitos, tradições, sabores e aromas. Consequentemente, as espiritualidades para os povos andinos e os outros povos irmãos, é a relação, no sentido de que nos concebemos como parte de um tecido, de uma rede de vida, que como comunidade humana não somos o

centro: somos um fio neste grande tecido da vida.

Assumindo que este tecido todo está entrelaçado, tudo está conectado, tudo flui nas diversas relações recíprocas e complementares. Por isso no contexto andino, o Ayni é muito importante porque tem a ver com estas relações recíprocas que buscam a harmonização e o equilíbrio de todas as comunidades de vida, de todos esses mundos que vemos, mas também de outros mundos que não vemos, mas que estão e que habitam conosco na terra — neste cosmos — e que nós também habitamos estes espaços, estes mundos.

Portanto, nestas relações se estabelecem correspondências mútuas que acontecem constantemente, de forma cotidiana, e que se expressam profundamente nos rituais próprios de cada tempo e de cada espaço. Porque não se trata apenas de invocar as forças sagradas, mas de estabelecer vínculos, aproximações e relações.

Neste sentido, os nossos rituais em torno da Pachamama (Mãe Terra), tem a ver com essa dinâmica de correspondência mútua. Ela nos dá de comer e nós também lhe damos de comer. Assim, nossos rituais procuram restabelecer as relações e, dessa forma, adquirir o seu sentido na intenção de gerar harmonia e equilíbrio.

Como podemos ver, quando compartilhamos como povos andinos a partir da nossa diversidade, já que é muito lindo deixar-nos surpreender pelas outras formas de busca para restabelecer as relações na experiência dos intercâmbios, pois cada territorialidade tem seus próprios modos. Às vezes pensamos que o mundo andino é um só, e não é assim. Somos muitos mundos, sentimo-nos parte dos pluriversos, não universo (noção hegemônica do pensamento moderno do ocidente), pois cada povo situado nesta territorialidade denominada como andina, busca diversas formas de se relacionar, não apenas com o sagrado, mas também com outros seres que são considerados protetores, bem como com todos que fazem parte da vida cotidiana.



Altar das ilas, protetores dos animais



Celebração das sementes

Evoco a memória de que, os povos Collas da Argentina, conservam o ritual profundo de dar de comer a Pachamama (Mãe Terra), ou seja, de preparar o banquete para ela num lugar de respeito, que em espanhol se denomina como “lugar sagrado, designado ao sagrado, ao divino”. Porém, para os contextos dos povos ancestrais, são lugares de respeito. Então, nesse vínculo ritual de dar de comer à Pachamama (Mãe Terra) são lugares considerados de respeito, onde é gerada uma relação de muito carinho, pedindo licença aos avós para fazer a abertura do que é considerada a boca da Pacha (terra), para dar-lhe de comer e beber. Portanto, há um vínculo muito próximo com essa força da vida, e a mesma coisa acontece em relação com os outros seres.

Vou ler uma pequena comunicação que a Irmã Vicenta Mamani nos oferece no ritual das sementes, já que é outro ser sumamente respeitado e querido. Temos diversas sementes com as quais estabelecemos uma relação muito próxima de familiaridade, de modo que se estabelece um parentesco amplo com elas, pois são consideradas parte da comunidade, o mesmo que os diversos seres com a qual habitamos. No ritual próprio com as Ispallas, no contexto andino se dialoga com elas, como vemos na relação que Vicenta tem com as sementes de batata:

“Mãe Ispalla — que é o espírito da batata — , tu sacias nossa sede e fome, por ti somos gente e temos voz, até para gritar, para te servir esta coca, eu te unjo com este sebo de lhama para que estejas fortalecida, para que sejas bem fecundada, para que não tenhas medo diante das chuvas de granizo e geadas, enfrentas com toda a tua força e coragem. Agora que estás florescendo, vais dançar ao ritmo do vento das montanhas e dos pampas. Sabes que

sou tua irmã e não te abandonarei, que para sempre te acompanharei. Regressarás logo, eu te esperarei dia e noite, cuidando para que durmas no corpo da Mãe Terra”.

Então, falar com as sementes não tem a ver somente com garantir a alimentação, porque esse é um discurso que muitas empresas também assumem, que inclusive roubaram a patente das nossas sementes para ficar nas mãos de empresas como a MONSANTO que é a maior, e que com o discurso de preservar ou garantir a alimentação oferecem suas sementes transgênicas.

Assim, o diálogo com as sementes tem a ver com a soberania alimentar e a autodeterminação dos povos. Pois, justamente, a alimentação sustenta a vida dos nossos povos e dos nossos corpos, gerando assim, o vínculo entre corpo-terra e corpo-território, dessa forma estabelecemos uma forte aliança entre os corpos. Já que se trata dos corpos que foram avassalados e alienados e que resistem a partir da força da consciência cósmica que nos devolve ao reconhecimento de que fazemos parte dessa grande rede de relações de vida. De modo que, como povos, estamos nesse caminho para recuperar aquilo que nos foi expropriado e avassalado, como são os nossos corpos, mas também nossos territórios, nossas identidades e espiritualidades.

A partir desse vínculo e a força que diversos povos nos oferecem por meio das sabedorias que conservam, como nos lembra o povo Maya a partir da memória do Popo Vuh, que arrancaram nossos frutos, cortaram nossos galhos e queimaram nosso tronco, mas não conseguiram matar nossas raízes”, tecemos as espiritualidades relacionais com os fios arrebitados e queimados, reconhecendo que estas espiritualidades se entrelaçam e dinamizam todas as dimensões da vida dos nossos povos.



Por isso, para muitos povos na luta e defesa de territórios, suas espiritualidades ou nossas espiritualidades, é a KAMASA — que no mundo andino significa — a força que sustenta as nossas resistências diante da apropriação dos grandes poderes sobre a vida e os territórios, que se apropriam a todo custo e que criminalizam nossas lutas com a permissão dos Estados em muitos casos.

Por isso, são assumidos alguns documentos que propiciam caminhos para a defesa dos territórios dos diversos povos em ABYA YALA. Por exemplo, a cláusula 169 da OIT ou o documento dos direitos dos povos indígenas, promulgada em 2007, que propõe as consultas prévias, o respeito aos territórios e a autodeterminação na organização comunal. Não obstante, ficam no papel, porque muitos dos nossos Estados, lamentavelmente, não assumem e, quando assumem, deixam sem efeito. Por isso, todas as nossas resistências e lutas

muitas vezes se diluem ou se perdem, porque não há apoio dentro das próprias instâncias dos Estados.

O mais lamentável é que a criminalização das nossas lutas se sustenta em certos discursos religiosos coloniais que são emitidos pelos governantes, já que relações espirituais passam pela lupa do panteísta, do supersticioso, do sincrético e do demoníaco, portanto, não entendem que muitos povos estão lutando para cuidar o Apu da mineração, que são os cumes altos onde habita a ancestralidade cósmica da qual fazemos parte.

Essa falta de compreensão se sustenta nas noções binárias ou nas espiritualidades dualistas que o cristianismo deixou nos processos de conquista e colonização, que permeou diversos espaços e tempos, pois a partir dessas perspectivas não nos veem como “seres”. Portanto, a criminalização das lutas dos nossos povos se justifica, pois têm a ver com a extensão das campanhas de extermínio dos povos indígenas, que se empreenderam tanto no sistema colonial como em sua extensão dos estados “independentes” e “democráticos”. Por isso muitos líderes, sábios e sábias nos diversos territórios são importunado/as, perseguidos/as, judicializados/as, sentenciados/as, assassinados/as; este sistema criminal sabe em quem tocar para gerar medo.

Contudo, apesar dos sistemas de temor e terror nos quais o capitalismo se sustenta, os nossos povos se afirmam na convicção de que cada irmão e irmã que morre injustamente é uma semente. Uma semente que vai brotar na vida dos povos em plenitude. Por isso, as e os que estão no caminho da defesa dos territórios e das terras são um perigo, uma pedra no sapato do sistema. Sim, porque mantendo a nossa resistência, são perseguidos/as e assassinados/as.

Porém, o sistema que tira vidas não sabe que a partir das nossas cosmo vivências, temos outras configurações da morte. Sabemos que não desaparecemos, que não há ausência, — a física sim — porque há outras formas de vida que continuam acompanhando-nos. Mas estas noções da vida não impedem o grito pela justiça de muitas irmãs e irmãos, pois estes demandam que se diga o nome tanto daqueles que perderam a vida antes do tempo, como daqueles que os/as assassinaram, e que sejam apresentados com nome e sobrenome. Conforme a comunicação que nos chega dos povos, sabemos que em ABYA YALA, de maneira específica nos territórios do Brasil, Peru, Colômbia, Honduras e México, há um alto índice de criminalização e assassinatos de irmãos e irmãs defensores e defensoras da terra. No entanto, muitos destes países não confirmaram a assinatura de Escazú, embora o México nos deu um respiro na última hora.

A partir da articulação da Teologia Andina do Peru, Bolívia e Argentina, temos estado atentos ao processo, já que a Bolívia foi um dos primeiros países a aprovar o Acordo de Escazú. Então, esperamos e apoiamos o processo em algumas instâncias, que requeria a assinatura de 11 países para viabilizar o Acordo. Esperamos a confirmação do Peru até o final, mas não aconteceu, principalmente pelo discurso falaz da perda da soberania da empresa privada do Peru, que monopoliza seus interesses a partir dos tratados de livre comércio.

Lamentamos muito que o Congresso Peruano não tenha ratificado Escazú, mas nos alegamos com a Argentina, pois é um passo para reconhecer os povos indígenas, e a alegria foi completa com a assinatura do México, que possibilitou que Escazú siga o processo para a sua vigência. Apesar de que me acompanha a preocupação pelos países que não assinaram, ao mesmo tempo tenho a convicção de que a incorporação solidária dos povos transpasse as fronteiras. No entanto, não podemos

ignorar a contrariedade que nos assola, porque os poderes que se apropriam da vida são muito fortes.

Concluo com o convite às Igrejas para despertar a uma consciência cósmica, que tem a ver com mudar certas tradições, dogmas, doutrinas e teologias que ainda sustentam a noção antropocêntrica e androcêntrica. O que, sem dúvida, levará à superação dessa espiritualidade dualista que separa o bem e o mal, o sagrado e o profano; já que as realidades são complexas e que, nas dinâmicas cíclicas da vida, são estabelecidas as inter-relações pelas quais fluem todas as forças. Portanto, o compromisso da comunidade humana correspondente com outras comunidades de vida e como parte da Rede da Vida, deve propiciar o equilíbrio e a harmonia diante das forças humanas que provocam desarmonias e desequilíbrios.

Nesse sentido, é importante considerar que o ser humano não se posiciona como administrador ou como o centro, mas no reconhecimento de que é filho e filha da terra, portanto, é terra que anda, terra que sente, terra que canta, relacionado aos outros seres. A partir destas formas de compreensão da vida, o cristianismo nos povos de ABYA YALA é chamado para estabelecer alianças, pois alguns povos dizem: “diante de qualquer perseguição e ameaças que vivemos, buscamos aliados e aliadas”. Portanto, a aproximação das Igrejas teria a ver justamente com isso: de que maneira se estabelecem alianças para a vida plena, o bem viver.



PIXABAY

A ESPIRITUALIDADE DOS HARAKBUT

YESICA PATIACHI TAYORI, Professora bilíngue do Harakabut em Madre de Dios, Peru, membro da Pastoral Indígena do Vicariato Apostólico de Puerto Maldonado. Conselheira da REPAM



//

Desta maneira, para que tudo isso se respeite, é preciso que não fiquemos apenas nas boas intenções. Precisamos tomar ações legais

YESICA PATIACHI TAYORI

Mais que tudo, quero compartilhar com vocês como entender as espiritualidades dos povos indígenas diante do mundo ocidental. Por exemplo, no meu povo não existe uma deidade específica a quem venerar, mas os nossos avós sempre nos contavam que o momento em que houve uma grande catástrofe, uma árvore nos salvou — a árvore ANÄMEI, a árvore da salvação. Então, temos como referência essa grande árvore que nos salvou e da qual nós somos descendentes de ANÄMEI. E como descendentes da árvore da vida, o nosso entorno se manifesta neste tecido que mencionava a irmã.

No nosso povo, por exemplo, existe no mundo, o mundo aquático e o mundo Wäwëri, Kurudneri que nós chamamos de o mundo dos que habitam no céu, porque nesses mundos habitam seres que nós devemos respeitar. Diríamos os que habitam ou os seres que estão no mesmo bosque, os seres que já deixaram de viver, os que se foram para outra vida, daí o WANDARI, que é onde todos os dias interagimos. Quando morrermos, não haverá um inferno e nem um céu. Ao contrário, ao morrermos é como se estivéssemos mudando de pelo e passássemos a uma outra dimensão onde também existe uma a

selva cheia de verde. Ou seja, é uma continuação para além do que estamos vivendo hoje, daquilo que nossos avós nos deixaram.

Desta forma, tudo tem conexão com o Wanökiren, o mundo espiritual está interligado com o mundo físico e é com eles que interagimos todos os dias. Obviamente, a selva e tudo o que nos rodeia nos acolhe, e por isso na nossa forma de ver o mundo, devemos protegê-la, porque nela habitamos e dela nos alimentamos. Isso se mantém muito presente no meu povo, porque acreditamos que também os animais, em algum momento, foram pessoas. Eles chegaram a sacrificar suas vidas e se converteram em árvores, e por isso respondi a uma irmã que dizia que em seu povo, um ancião quando morre, seu espírito vai embora.

É praticamente a mesma coisa entre nós, inclusive se vai estar em um animal ou vai para qualquer outro mundo, mas o espírito não desaparece. Nós cremos que “quando eu morrer, meu espírito vai se transformar numa alma ou em qualquer ser da selva, pode se transformar numa árvore ou se manifestar no mundo da água.” Portanto, nós temos a obrigação de cuidar desses mundos.

Este respeito nos possibilita a conectividade com esses mundos. Mas também existe uma forma de ter este respeito nas pinturas corporais. Por exemplo, quando te pintas com urucum ou com jenipapo e ingressas na selva que é o mundo dos Numberi, onde estão todos os seres, as árvores e outros espíritos que aí repousam, então a pintura no corpo, ao ter esse jenipapo em tua pele, é como um passaporte, que você precisa para viajar a outro país e para consegui-lo tens que apresentar uma série de documentos. Assim é conosco, a nossa pintura corporal com jenipapo está dizendo a esses seres que não somos seres malignos, ao contrário, que somos irmãos.

São essas conexões que nos permitem estar em equilíbrio com a natureza. A mulher tem um papel importante em todo este processo, assim como as outras irmãs também mencionaram, pois o cuidado das sementes recai especificamente para a mulher. O indígena amazônico jamais cultivava um único produto em sua terra, Se ele limpa um determinado espaço para seu cultivo, então ele vai ter várias coisas uma ao lado da outra: vai ter banana, batata-doce, amendoim.... tudo num equilíbrio perfeito. Essa mistura de diferentes produtos semeados faz com que não haja pragas, por exemplo, faz com que a gente encontre tudo aí: frutas, tubérculos, etc.

Quando a gente fala dessas coisas, muitos pensam: “Ah não, são supersticiosos, são suas crenças”. Minimizam a maneira como nós vemos o mundo, não respeitam. Sinto que isso é até uma falta de respeito com o nosso povo, como se somente existisse uma única espiritualidade, devesse esmagar as outras.

Quer dizer que o que eu creio e sinto, não vale? Isso é um equívoco, porque significaria aceitar que o que vem de fora é melhor do que o nós temos. Isso deveria nos fazer pensar! Eu creio que esta forma de que nós temos de compreender o mundo, esta comunicação, este nexo, este tecido que temos com os mundos, nos levam a ter respeito pelo nosso espaço, pela nossa criação e pela nossa casa comum. Acaso entrariam aqui para destruir as igrejas, por que elas têm uma estrutura diferente? Por isso, devemos pedir que respeitem também a nossa estrutura espiritual, pois ao longo da história, infelizmente não tem sido assim.

Porém, fico feliz que a essa altura da vida, eu veja esse movimento que aceita a possibilidade de haver outras estruturas e outras formas de ver o mundo. O que seria do mundo se todos fôssemos iguais? Se todos fôssemos loiros não existiria essa mistura, não haveria essa diversidade de

peessoas. A mesma coisa acontece com as espiritualidades, inclusive quando vamos à escola, lembro-me muito bem quando perguntavam “O que é a água?” e depois diziam que a “água é um ser inerte, que não tem vida”. Para mim a água tem outro significado, e tenho certeza, que para outros povos indígenas a água é vida, a água é um ser a mais, é uma irmã a mais. Isso tem outra conotação, que não se limita a esse ensinamento escolar que a água não tem vida, que somente te pertence. Isso é uma total falta de conhecimento.

Assim também são as plantas e as árvores. Compreender que as árvores só servem para fazer madeira e lenha. Para nós elas são um ser vivo a mais, são como nossas irmãs. Por exemplo, a compreensão de que os seres humanos, em um determinado momento se convertem em animais faz com que o povo Harakbut, que respeita essa espiritualidade, não caça os mesmos animais durante todo ano. É preciso respeitar sua época de reprodução, de acasalamento, porque tem que haver este equilíbrio. Se se rompe este equilíbrio, obviamente esta espécie corre o risco de entrar em extinção.

Por conta desse respeito e equilíbrio, já se sabe que só na época de engorda é que se pode matar um determinado animal, e assim vai variando, porque não se pode qualquer animal em qualquer época do ano. A natureza é perfeita porque tudo está em harmonia.

Desta maneira, para que tudo isso se respeite, é preciso que não fiquemos apenas nas boas intenções. Precisamos tomar ações legais, como é o Acordo de Escazú. Precisamos assegurar esses ecossistemas que ainda permanecem vivos, porque como se sabe, para as grandes empresas extrativistas ou interesses pessoais ou nacionais, a Amazônia e as Regiões Andinas são vistas apenas como uma despensa, onde se pode





saquear sem respeitar a espiritualidade e o estilo de vida dos povos originários.

Acredita-se que o famoso desenvolvimento vem assim, "desenvolvimento" entre aspas, pois só traz destruição. Por isso, quando não se respeita a natureza, como consequência acontece o que estamos vendo atualmente, a pandemia. Sangram a própria mãe que é a terra, depredam, perfuram. É óbvio que a Mãe Terra grita de dor e vai reagir, porque ela sente, porque tem vida. Nós dizemos que quando a terra grita e chora, o céu a escuta e, também chora, e é por isso que vemos fortes chuvas, porque o céu se solidariza e sente a dor da terra.

Assim a Mãe Terra vai dessangrando pouco a pouco, mostra suas feridas profundas, grita e chora, assim o céu também sente essa dor e começa a chorar. E dessa maneira todos interagem e nós nos perguntamos: O que acontece? Aqui temos uma amostra clara que é a epidemia. Por isso, é importante cuidar o nosso entorno, a terra e os bosques.

Isso era que eu queria manifestar e compartilhar com vocês. Estou muito contente em poder escutar e compartilhar, cada dia se aprende mais. Hoje já tive outra apresentação e agora essa. Alegro-me muito poder estar acompanhada de grandes mulheres com diferentes espiritualidades, mas com apenas um objetivo em comum: que temos que cuidar e proteger a nossa Mãe, que é a Terra.

NEJRON

LUTANDO CONTINUAMENTE PELO ACORDO DE ESCAZÚ

JAVIER JAHNCKE, *Coordenador Nacional da Rede Igrejas e Mineração em Peru*



//

vivemos em um sistema econômico centrado no Deus Dinheiro que saqueia a natureza

ação social. Ela nos dizia que para fazer sulcos na terra, é preciso pedir licença à Pacha, é preciso considerar o vento, falar com a batata, com a terra, dialogar com ela para que ela permita crescer o produto. Por isso, é fundamental a defesa da terra, da qual nós todos e todas fazemos parte e que é central entender que tudo está conectado nesta perspectiva da Casa Comum.

JAVIER JAHNCKE

É um privilégio ser o único homem neste seminário, portanto, agradecido por compartilhar o dia de hoje com as companheiras, de escutar tanta sabedoria que nos compromete a seguir recebendo e compartilhando. Dizia Jocabed, ao recolher as memórias do seu povo, que não somos nada sem a terra e ao morrer soremos cultivados por ela, que somos parte do ciclo da vida onde morremos e convivemos. Na mesma lógica, falava da continuidade da vida em outras formas vinculadas com a própria natureza. Sofia falava dessa relação direta de dar de comer na boca da Pacha (Terra). E eu então me lembrava da nossa companheira, a irmã Yolanda Flores do povo Aymara, do Sul Andino do Peru, quando nos comentava sobre o espaço Igrejas, Peru e Mineração. Também fazemos parte dessa Comissão Episcopal de

No entanto, vivemos em um sistema econômico centrado no Deus Dinheiro que saqueia a natureza, que mantém um ritmo frenético de consumo que lhe é inerente. Nós mesmos estamos aqui com nossos aparelhinhos — que por conta da conectividade nos vemos obrigados a usar e que insistimos em consumir — mas com esses aparelhos, tem minerais e peças de metal que estão vinculados com a necessidade de mais consumo dos nossos ecossistemas, dos espaços nos quais habitaram os nossos povos ancestrais.

A partir dessa exigência que este modelo nos propõe, de continuar consumindo, de continuar traçando rodovias, desviando rios e destruindo as capas vegetais, onde ficam os nossos povos, onde está a nossa Casa Comum na qual tudo está conectado? Faz parte de todas as vivên-

cias, que na realidade ainda mantemos parte de nossas incoerências. Por isso, a Confissão de Accra¹ justamente propunha essa exigência de chamar as Igrejas, para escutar o clamor das pessoas que sofrem e ver essas feridas causadas à Natureza — que também são as feridas causadas a nós mesmos — por conta da lógica desse sistema injusto que é defendido inclusive por meio das forças armadas, da polícia e da criminalização, como nos recordava Sofia.

O Acordo de Escazú, que lembramos hoje, lamentavelmente não foi ratificado pelo Peru, diante disso, ressaltamos a necessidade de voltar nosso olhar para a integração de tudo. O mundo nos apresenta essa exigência de ver que tudo está conectado, que todos fazemos parte de uma única grande Natureza, de uma só grande criação. Essa perspectiva é fundamental, a lógica da conversão: de converter-nos em uma única criação, é isso que nos convocam os nossos povos com os testemunhos que escutamos hoje. Lembramos hoje dos nossos povos ancestrais, suas lutas pelos seus territórios e a necessidade de entender que esse é o caminho também para os nossos espaços de Igreja. Não é o da Teologia da Prosperidade que propõe a teoria do aproveitamento dos recursos naturais, do bem-estar financeiro, de que devemos aproveitar o que nos é dado, porque vamos ser beneficiados com a criação de riquezas e vamos sentir-nos melhor como seres humanos, que o antropocentrismo deve estar no centro e acima

da situação dos nossos povos ancestrais, da nossa Casa Comum.

Rechaço toda Teologia que afirma que os interesses humanos devem se impor à Natureza. Devemos propor as nossas Igrejas — Católicas, Evangélicas e Cristãs — essa perspectiva do que foi mencionado na primeira apresentação, que devemos exercer um papel profético concreto, de uma Igreja em saída concreta, mas que se baseia nos fundamentos concretos, de uma teologia da terra, como já foi mencionado anteriormente, mas com uma concepção ancestral que nasce da lógica do nosso povo e que respeita a lógica do nosso povo. Há vários teólogos que falaram disso — eu não sou teólogo, sou Advogado de Profissão — mas a vinculação com os espaços dos povos, trabalhando mais de vinte anos acompanhando processos, levam-me justamente a entender estas perspectivas de uma necessidade de trabalhar a teologia da terra, como mencionou Monsenhor Dufain no Momento de Desenvolvimento Humano Integral, ao ver que o tema da necessidade de visualizar a lógica de terras, a partir dos nossos povos e deve relacioná-la com a visão da Terra Prometida, da terra como memória retratada na segurança ancestral que cruza com a Alianza do texto bíblico. Esta é a lógica dos nossos povos: a memória e a vivência ancestral, a vida como parte da terra, assumindo-se como sendo parte da terra. E isso implica que o ser humano não é o centro, não é o antropocentrismo, mas o centro é a comunidade em conjunto e essa é única lógica para avançar.

1 A Confissão de Acra foi adotada pelos delegados da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas (WARC) em seu 24º Conselho Geral em Acra, Gana (2004), com base na convicção teológica de que as injustiças econômicas e ambientais da economia global atual exigem que a família Reformada responda a elas como uma questão de fé no evangelho de Jesus Cristo. A Confissão de Acra convida os cristãos reformados de todo o mundo a enfrentar as injustiças no mundo como parte integrante do testemunho e da missão de suas igrejas. Fonte: <https://bityli.com/keuQ1> (Acesso: 02/07/2021).

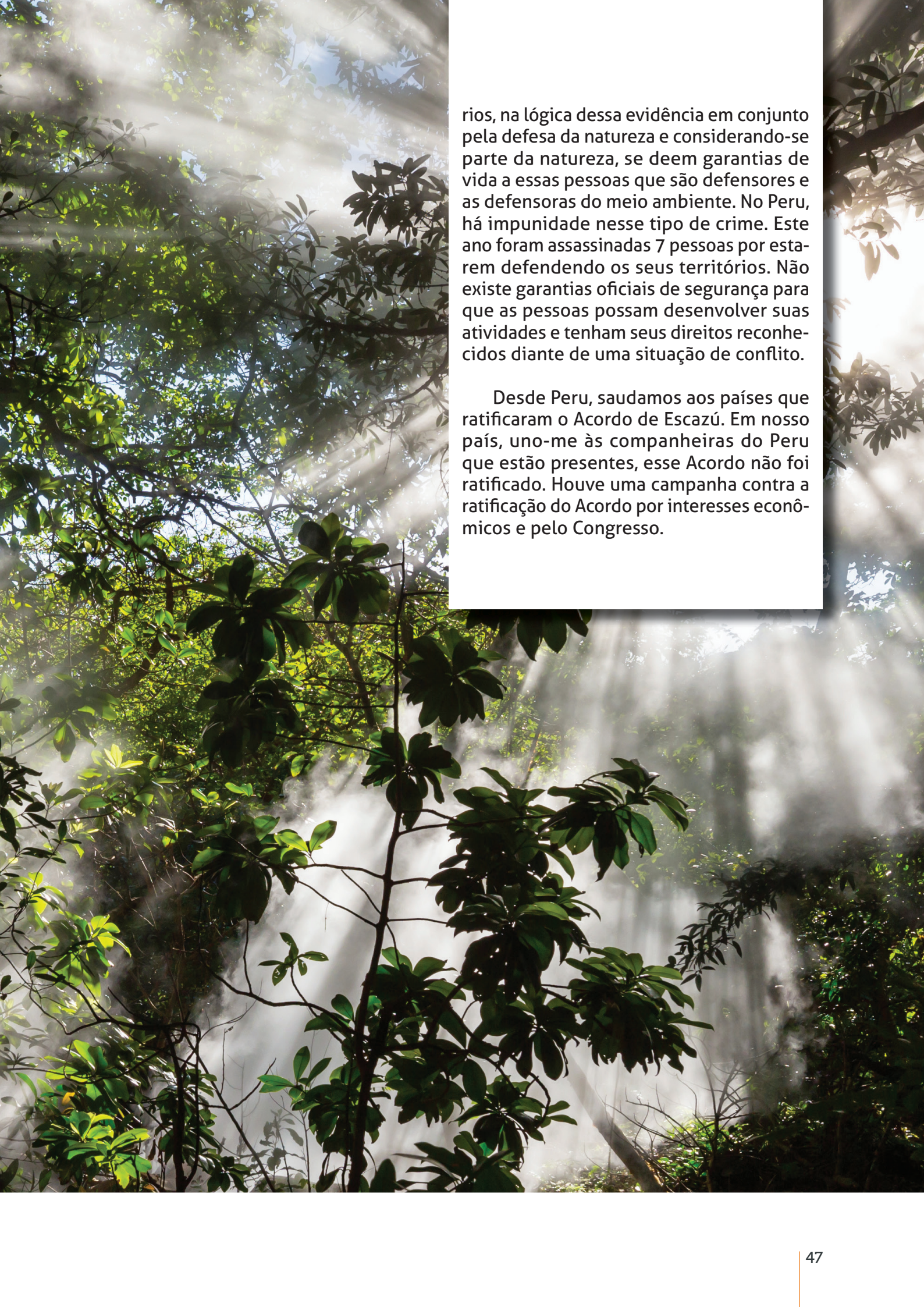
O teólogo Sandro Gallazi lembrava que no texto bíblico o conflito foi o centro e é na terra onde sempre se dá o conflito. E é aí que volto à Terra Prometida, à Terra Santa, com Deus sempre se colocando ao lado dos pobres e dizendo “Nisso não tem discussão, nisso não tem negociação”. Por isso, temos uma necessidade de fazer uma revisão, uma reforma constante dos nossos espaços eclesiais para avançar nessa lógica de que o centro da ética cristã é a comunidade.

O Sínodo Amazônico foi proposto justamente nessa perspectiva, tratando de avançar nessa lógica, e apesar das muitas dificuldades e com todas as incoerências que certamente haverá, mas na lógica de buscar essa relação da terra e como viver com ela, sendo partícipe desse processo de revisão com ela. E nesse processo de revisão e de conversão ecológica, é que quero terminar apresentando o tema do Acordo Regional sobre Informação, Participação, Acesso à Justiça em Assuntos Ambientais, que é o Acordo de Escazú. E aqui falarei um pouco mais como advogado e como quem acompanha processos. Creio que é central opor-nos a qualquer injustiça econômica. O Acordo recupera a necessidade de que os nossos povos sejam reconhecidos e que seus direitos sejam cumpridos. Mas estes assuntos foram percebidos como se estivessem contra a soberania do Peru quando o centro era justamente a pessoa.

Então, finalizo dizendo que mecanismos como estes são essenciais. Agora que o Acordo começa a entrar em vigor, não nos esqueçamos dos países que não ratificaram o Acordo, tratemos de seguir impulsionando este apoio a esses países, como o Peru. Novamente estamos em campanha eleitoral no Peru, estamos em uma difícil situação, e neste sentido, é importante que resgatemos estes saberes ancestrais do nosso povo, seus processos, seus direitos e suas formas de vida, que sejam reconhecidos e recuperados na sociedade. Assim como o Acordo de Escazú, que estamos buscando legitimar no Peru, assim como a Confissão de Accra, o que sempre tem sido fundamental para nós, é esse chamado de opor-nos a qualquer injustiça econômica e a destruição da Criação. Nessa perspectiva, o que o Acordo de Escazú propõe é recuperar e reconhecer a identidade dos nossos povos, e que seus direitos sejam reconhecidos, que efetivamente haja respeito pela lógica da sua relação com seus territórios e o acesso aos seus recursos naturais. E que na defesa dos seus territó-



GALYNA_ANDRUSHKO



rios, na lógica dessa evidência em conjunto pela defesa da natureza e considerando-se parte da natureza, se deem garantias de vida a essas pessoas que são defensores e as defensoras do meio ambiente. No Peru, há impunidade nesse tipo de crime. Este ano foram assassinadas 7 pessoas por estarem defendendo os seus territórios. Não existe garantias oficiais de segurança para que as pessoas possam desenvolver suas atividades e tenham seus direitos reconhecidos diante de uma situação de conflito.

Desde Peru, saudamos aos países que ratificaram o Acordo de Escazú. Em nosso país, uno-me às companheiras do Peru que estão presentes, esse Acordo não foi ratificado. Houve uma campanha contra a ratificação do Acordo por interesses econômicos e pelo Congresso.

JORGE ARBOCCÓ

Dirigimo-nos em uma oração especial. A autora é nossa companheira do Povo Kuna do Panamá, Jocabed Solano. Vamos orar com essa poesia. É importante para lembrar este dia tão maravilhoso que é O Dia da Mãe Terra, e assim oramos:

Poesia Mãe Terra

Mãe Terra, mestra que nos ensina a viver.

Mostra-nos o caminho da divindade.

Mãe Terra, parenta mais antiga, memória de todos os seres vivos.

Fala-nos sobre as bondades de Deus.

Mãe Terra, Teóloga, que nos revela o amor de Deus pela Criação.

O Shalom para toda a Criação.

Mãe Terra, lugar onde nos encontramos com Deus.

Unimo-nos a este clamor nesta dança coletiva.

O círculo da vida.

Pedimos perdão ao Deus da vida, pedimos perdão à Terra.

Nós, tuas filhas e filhos, temos te violentado.

Violentamos a nós mesmos.

Ao sugar o teu sangue, nossas mãos estão cheias de dor.

Oramos para que nos dê sabedoria.

Que possamos aprender da Mãe Terra.

Para viver em comunhão com todos os seres vivos.

Tem piedade de nós.

Ajuda-nos a unir-nos em tua dança coletiva ao redor do fogo, ao ver a água.

E sentir com o vento tuas palavras com todos os sentidos.

Renova-nos, Jesus, para viver com a primeira vocação de ser amados.

E cultivadores da bondade da terra.

Que possamos entrar na vivência do bem viver.

Lembrando que somos filhas e filhos da terra.

Primeira memória da Nossa Mãe conosco.

Unidos a ti, amado Deus.

Amém!

JKRAFT5

SHEILA TANAKA

Assim chegamos ao final do nosso encontro, em nome de todas as organizações que convocam ao encontro, gostaria de agradecer a todos e todas que participaram, a todos/as que nos escutaram aqui, creio que tem sido uma noite muito inspiradora e muito desafiadora também.

Todos nós, como irmãos e irmãs das Organizações da Sociedade Civil e Organizações de Fé, vimos que temos muitos desafios comuns em nossa Região, para a defesa da natureza, para a proteção das defensoras e defensores e para a proteção dos territórios, mas também temos muitos caminhos em comum. Caminharemos juntos para uma sociedade na qual as espiritualidades se respeitem e que os seres humanos se vejam como integrados, como parte da Mãe Terra e como parte da sabedoria. Por isso, gostaríamos que esse diálogo não ficasse por aqui.

Não foi apenas uma noite inspiradora, mas que possamos seguir juntos com esse diálogo, creio que cada um e cada uma ainda tem muito a refletir sobre o que escutamos aqui de todas as exposições.

Então, em nome de Koinonia, em nome de Paz e Esperança Peru, da Iniciativa Inter-religiosa pelos Bosques Tropicales, de Memória Indígena, do ISEAT e de Renovemos Nosso Mundo, gostaria de agradecer a todas as expositoras, expositores e comentaristas, agradecer muito pelo diálogo e a abertura de todos os que nos escutaram, seguimos juntos em nossa luta na América Latina, pela defesa da Mãe Terra e dos Povos latino-americanos.

Muito obrigada e boa noite!

Saudações e agradecimentos de todos os expositores, comentaristas, moderadores e demais participantes do evento.



SOBRE AS ORGANIZAÇÕES

INICIATIVA INTERRELIGIOSA PARA LOS BOSQUES TROPICALES EN EL PERÚ — IRI PERU

A Iniciativa Inter-religiosa para os Bosques Tropicais no Peru, é uma plataforma que congrega as religiões presentes no país, unidas pela defesa dos bosques e dos povos que os habitam.

Em nosso país, 94% da população professa uma fé e têm em comum o paradigma do cuidado: cuidado dos seres humanos e cuidado da natureza, já que a criação é uma dádiva do Criador. Os Bosques ocupam mais de 60% do território nacional e a eles devemos a água para todo o país, contribuem para a saúde do planeta, possuem uma biodiversidade imensa e vivem nela 53 povos indígenas que nos ensinaram a viver em equilíbrio com os bosques.

Nossa preocupação é tornar possível que vivamos em harmonia com a nossa Amazônia, sem depredá-la, sem causar-lhe dano porque a saúde dos bosques também é a nossa saúde.

A IRI foi lançada no Peru em dezembro de 2018 com a participação ampla de diversos atores: ministros de estado, líderes religiosos, indígenas, de ONGs, de organizações sociais e acadêmica. A partir daí, a IRI Peru é reconhecida como um ator social e político como defensora dos bosques e dos povos que os habitam.

Participamos da grande rede de instituições e pessoas preocupadas com o meio ambiente e que trabalham para cuidar do

planeta. Estamos presentes em diversos espaços onde se discutem os temas referidos aos bosques: o congresso da república, os governos regionais, os municípios, entre outras.

Constituímos o Pacto pela Amazônia, que é uma grande aliança que vincula os povos indígenas, comunidades de fé, Estado, empresários e ONGs em um espaço de diálogo, para colocar na agenda nacional a construção de uma Amazônia Saudável, sustentável, produtiva e resiliente.

Adicionalmente, estamos presentes em várias regiões da nossa Amazônia onde formamos 10 espaços locais da IRI em cidades da Amazônia peruana. Participam destas: IRI e as comunidades de fé presentes em cada localidade, como a Igreja Católica, Igrejas Evangélicas, Adventista, de Jesus Cristo, das comunidades Islâmicas, Judaica, Baha'i, Brahma Kumaris.

<http://www.interfaithrainforest.org/>





MEMORIA INDÍGENA

Memoria Indígena é um projeto que se propõe gravar, compilar, escrever e publicar todas as histórias e testemunhos possíveis que falam do surgimento e vida das comunidades de fé cristã indígenas/autóctones/nativas do Abya Yala.

O foco principal radica na produção de materiais biográficos, histórias de comunidades de fé, testemunhos e relatos de eventos históricos que desempenharam um papel significativo nos processos de conformação e vida das igrejas cristãs no contexto indígena.

Com esta indicação desejamos transcender as dinâmicas formalizadas das igrejas para contribuir e lembrar as histórias das lideranças dos nossos povos e nações que lutaram e preservaram — algumas tornando-se mártires — sem cujo trabalho não seria possível a existência e permanência de numerosas comunidades de fé em Jesus Cristo ao longo de Abya Yala.

<https://memoriaindigena.org/>



PAZ Y ESPERANZA

Somos uma organização que trabalha junto aos pobres no Peru, para que sejam livres de diferentes formas de violência e injustiça.

Paz Y Esperanza é uma organização de direitos humanos, inspirada em princípios e valores cristãos, nascida no Peru em 1996 e que agora se tornou uma confraternidade de organizações independentes no Peru, Bolívia e Equador, com organizações irmãs nos Estados Unidos da América e Reino Unido.

O que nos une é a mesma missão, princípios, valores e compromisso para possibilitar que as pessoas, famílias e comunidades vivam dignamente, que obtenham justiça e sejam agentes do seu próprio desenvolvimento.

Somos uma equipe composta por profissionais peruanos que encoraja o voluntariado de pessoas de todo o mundo.

Promovemos a institucionalidade democrática e o exercício dos direitos das populações em situações de vulnerabilidade, mediante o desenvolvimento de capacidades, participação cidadã, incidência em políticas públicas e geração de oportunidades na Amazônia, região andina e costa peruana.

Assistimos a crianças e mulheres violentadas, povos indígenas, comunidades em situação de pobreza extrema, migrantes, refugiados e refugiadas, pessoas presas injustamente, pessoas com deficiências, famílias e comunidades cujos direitos têm sido ameaçados pela ação de civis, de autoridades do governo, de pessoas e grupos com poder que atentam contra o meio ambiente..

<https://www.pazyesperanza.org/pe/>





EL INSTITUTO SUPERIOR ECU- MÉNICO ANDINO DE TEOLOGÍA (ISEAT)

O Instituto Superior Ecumênico Andino de Teologia (ISEAT) é um centro de formação acadêmica, teológica e pastoral ao serviço de Igrejas e movimentos sociais na Bolívia e na região andina.

Nossa função busca fortalecer o trabalho das igrejas, instituições de desenvolvimento social e as organizações sociais. Nossos programas e iniciativas respondem às demandas de formação teológica, religiosa e social dos nossos irmãos e irmãs na fé.

<http://www.iseatbolivia.org/>



RENOVEMOS NUESTRO MUNDO

Renovemos Nuestro Mundo é um movimento global de cristãos que acredita que, ao ser verdadeiramente criados à imagem e semelhança de Deus, devemos agir da mesma maneira, demonstrando o amor pelo nosso próximo em ações e em verdade.

A nossa visão é alcançar um mundo no qual as necessidades básicas de todas as pessoas sejam supridas e que tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente; preocupamo-nos pela criação e buscamos reduzir a desigualdade entre ricos e pobres. Através de campanhas nacionais, combinadas com as campanhas globais, estamos construindo um movimento global de cristãos que oram, vivem e participam de campanhas para tornar este mundo mais justo e sustentável.

<https://renewourworld.net/>





KOINONIA

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço é uma organização ecumênica com atuação nacional e internacional, fundada em 1994 e composta por pessoas de diferentes tradições religiosas, reunidas em associação civil sem fins lucrativos. A missão de KOINONIA é mobilizar a solidariedade ecumênica e prestar serviços a grupos histórica e culturalmente vulneráveis e em processo de emancipação social e política; além de promover o movimento ecumênico e seus valores libertários. Juntamente com o Centro Regional Ecumênico de Assessoria e Serviço (CREAS), coordena a iniciativa Diálogo ecumênico e inter-religioso pela Amazônia, que visa fortalecer iniciativas ecumênicas pela dignidade humana no Brasil, Bolívia, Colômbia e Peru, promovendo análises compartilhadas e ações conjuntas.

<https://kn.org.br/>





KOINONIA
Presença Ecumênica e Serviço
actaliança

